

ENTRE A ANTROPOLOGIA E O CINEMA: uma entrevista com Tiago de Aragão Silva

Ludmila Mutti A. Rocha¹
Tiago de Aragão Silva²

Resumo: Esta é uma entrevista realizada com o antropólogo e cineasta Tiago de Aragão Silva sobre o mercado de trabalho na interconexão entre Antropologia e Cinema. Assim como as outras entrevistas do dossiê, o objetivo aqui é discutir possibilidades de trabalho para futuros antropólogos com diferentes interesses. A entrevista foi realizada por vídeo-chamada, gravada, transcrita, editada e revisada pelo entrevistado. Ao longo da nossa conversa, o entrevistado contou um pouco das suas experiências, obras, percurso acadêmico e deu algumas dicas para aqueles interessados na área.

Palavras-Chave: Antropologia; Audiovisual; Cinema; Mercado de trabalho; Pesquisa.

INTRODUÇÃO

Me chamo Ludmila Mutti Abreu Rocha e, atualmente, faço graduação no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB). No primeiro semestre de 2025 participei da disciplina “Antropologia e Mercado de Trabalho”, ministrada pela professora Soraya Fleischer, na qual visitamos e lemos textos de antropólogos que atuam em áreas de trabalho distintas. Ao longo da disciplina, vários alunos demonstraram interesse por outros mercados que não estavam contemplados na ementa, mas que poderiam ser interessantes como possibilidades para antropólogos. Eu fui uma dessas alunas, já que tenho como temáticas de interesse a área editorial, as políticas de patrimonialização e o Audiovisual. Neste contexto, realizei essa entrevista com Tiago de Aragão Silva, um antropólogo, roteirista, diretor e produtor de cinema.

Eu o conheci em um evento no DAN, no qual assistimos seu filme mais recente, chamado *A Câmara* (2023), e conversamos com ele e Cristiane Brum Bernardes, diretores do filme. Tiago trabalha na área de audiovisual há algum tempo, desde 2010, e dirigiu os curta-metragens *Da maior importância* (2011), *Curió* (2014), *Entre parentes* (2018) e *Luta pela terra* (2022) e o longa-metragem *A Câmara* (2023). Além disso, na semana seguinte a esta conversa, ele defendeu a sua tese de doutorado, também no DAN, de título *Deputados Bolsonaroistas: Bolsonarismo no cotidiano da 56ª legislatura do Congresso Nacional (2019-2023)*. Tiago consentiu em ser entrevistado e ter a conversa gravada, editada e

¹ Graduanda em Antropologia na Universidade de Brasília (UnB), ludmilamuttiabreu@gmail.com

² Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB).

publicada. A entrevista semiestruturada, apresentada abaixo, foi realizada no dia 28/05/2025, via Zoom, e gravada em áudio do celular.

Ludmila: Eu tenho muito interesse, justamente, nesse lugar que conecta a Antropologia com o Audiovisual, por isso que eu pensei em fazer essa entrevista. Antes de começar eu queria que você se apresentasse.

Tiago: Meu nome é Tiago de Aragão. Eu sou.. deixa eu ver que que eu sou (risadas). Eu, no momento, estou doutorando, na Universidade de Brasília, no programa de Antropologia Social, no DAN. Semana que vem, no dia 06, inclusive, é minha defesa de doutorado. Além de estar fazendo doutorado, eu também, atualmente, me dedico profissionalmente a projetos relacionados a cinema. Desde 2018, mais ou menos, meu principal vínculo de trabalho tem sido o cinema. Eu tenho experiência com cinema desde 2010, 2011, mas é a partir de 2017, na verdade, que começa a entrar mais dinheiro para eu conseguir me dedicar a isso. Então, no ano de 2013, 2014, eu me dediquei ao cinema, só que quando chega ali, 2015, 2016 e parte de 2017, eu trabalho em ministério e faço outros trabalhos de antropólogo - como consultoria. Depois de 2018, acaba que eu estou me dedicando mais a outros projetos relacionados a cinema. Principalmente documentário.

Ludmila: Eu separei a entrevista em três partes. Então, na primeira parte, que eu chamei de “Formação”, eu queria saber como foi a sua trajetória antes da faculdade e como você chegou até a Antropologia.

Tiago: No final do ensino médio, eu não estava querendo fazer faculdade, porque eu estava com a ideia de tentar virar jogador de basquete. Eu cheguei a me mudar para São Paulo, arrumei um clube lá pra jogar. Eu joguei em São Paulo por um ano e meio, em alguns times (Guarulhos, São José dos Campos, Corinthians). Só que aí, por um problema político, o clube onde eu jogava mandou todo mundo embora. Como eu era de Brasília e estava lá em São Paulo, fiquei numa situação mais precária. Então, se faltou um pouco de sorte por conta do meu time ter tido esse problema político no último ano, antes de profissionalizar, também faltou, eu costumo falar, talento, porque, assim, se eu fosse um jogador muito excepcional, arrumariam vaga em algum time. Só que foi essa conjunção, eu acho: de não ser um grande talento geracional e de ter tido um pouco de azar nessa conjuntura política. Aí, eu voltei para

Brasília e falei assim: “Agora eu tenho que entrar na UnB, agora eu tenho que estudar”. Eu pensei em fazer desenho industrial, embora eu não desenhasse tanto, e coloquei como segunda opção Ciências Sociais. Aí eu reprovei na prova específica e fui para as Ciências Sociais. Eu tinha uma ideia assim: “Pô, no desenho industrial eu posso ganhar dinheiro, mas eu ia gostar mais de fazer o curso de Ciências Sociais, então deixa eu fazer, né! Sei nem, inclusive, se eu vou estar vivo daqui a quatro anos, então deixa eu fazer esse curso que me interessa”. Entrei na universidade com 20 anos e comecei a cursar, inicialmente, Sociologia, e depois eu fui para a Antropologia. Embora eu não veja tanta diferença assim em vários aspectos.

Ludmila: Nossa, é uma história muito interessante! Eu queria saber, também, durante a formação, quais eram suas áreas de interesse? Sobre o que você fez pesquisa?

Tiago: Na minha graduação, a minha área de interesse já era o cotidiano da política. No início, quando eu estava na Sociologia, eu não estava entendendo muito bem aonde eu me enquadrava em termos de linha de pesquisa. O meu orientador na época, o finado Brasilmar Nunes, me sugeria trabalhar com movimentos sociais, a teoria de movimentos sociais. Só que eu via que a teoria e os estudos sobre movimentos sociais não refletiam muito as questões que eu estava vendo ali no meu trabalho de campo, com as lideranças comunitárias. Eu estava vendo ali lideranças comunitárias que faziam mediação entre governo, Estado e moradores, que faziam as disputas internas por território, e eu achava que não tinha muito a ver com uma discussão de movimentos sociais. Foi quando eu li o texto da Christine Chaves, professora do DAN, chamado “A pessoa política”³. Quando eu li isso, eu vi algumas questões que eu estava lidando no meu campo. E aí eu falei, “Caramba! Aqui, de certa maneira, há o caminho das leituras que eu tenho que fazer! Isso aqui é o meu campo de discussão”. Até então, eu estava na Sociologia, só que para mim não tinha problema. Eu falei “ah, eu vou continuar na Sociologia e vou ler esses trabalhos da Antropologia Política”. Só que quando eu comecei a ler o trabalho na Antropologia Política, aí eu comecei a me aprofundar na observação participante, no trabalho etnográfico, essas escolhas começaram a me empurrar para a Antropologia. Então eu fui pedir orientação para a Carla Costa Teixeira e ela me orientou na graduação, numa pesquisa sobre o trabalho político de prefeitos de quadra na Cidade da Estrutural⁴ (De Aragão, 2008). Aí ficou essa área de interesse: política, de uma maneira mais

³ Tiago fez referência ao texto “Eleições em Buritis: a pessoa política” (1996), de Christine de Alencar Chaves.

⁴ O Distrito Federal (DF) tem trinta e cinco regiões administrativas (RAs). A Cidade da Estrutural, localizada na parte norte do DF, compõe a RA Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA).

ampla; não uma política necessariamente formal. No mestrado, eu comecei a me relacionar com cinema e fiz um trabalho com uns filmes de um coletivo de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, que eu morei lá por um tempo, e eu comecei a investigar cinema como objeto de pesquisa (De Aragão, 2011). Só que, quando eu vi, eu estava investigando cinema porque o cinema era uma ferramenta de intervenção política - uma ferramenta estético-política - daquele grupo. Então, de certa maneira, essa questão da política nunca saiu de cena. Ela está na maioria dos filmes que eu fiz e no doutorado ela volta com mais força quando eu volto para estudar o Congresso Nacional (De Aragão, 2025). Então, eu diria que esse universo da política é a principal questão do meu trabalho. Política e cotidiano, né. E acaba que é nessa trajetória também que eu fui caminhando pro cinema, eu acho que esse interesse também ficou mais reforçado.

Ludmila: Ah, que legal. Como você chegou até o Audiovisual e você já tinha relações com essa área durante a graduação?

Tiago: Durante a graduação, eu não tinha relação com o Audiovisual, e aí o Audiovisual meio que caiu muito por acaso, ele voltou para a minha vida muito por acaso. Porque, quando eu tinha quinze anos, um dia surgiu a ideia de fazer Cinema, só que aí eu fui muito aconselhado pela minha mãe: “Não, Cinema é coisa de rico, tu é quebrado, está maluco?”. E eu pensei “Beleza, realmente”. Quando eu estava na graduação, eu fazia parte de uma rádio comunitária, eu não sei se ela ainda existe, chamada “Rala Coco”. A rádio ficava no Departamento de Comunicação, ali do lado do CA de Comunicação. Eu apresentei e produzi um programa lá por dois semestres. Aí, quando eu me mudei pro Rio, isso estava no meu currículo: “experiência com rádio comunitária”. Quando você está no início da carreira, você bota tudo lá, né. Então, assim: “joguei basquete, trabalhei na rádio comunitária”, você não tem experiência. E eu estava trabalhando para um projeto de inclusão digital, lá no Rio de Janeiro, e eles queriam fazer um curso - um curso de Audiovisual - de uma comunicação popular, ferramentas para qualquer pessoa conseguir produzir um pequeno vídeo ou um pequeno podcast pra informar como está a situação do seu território. E viram no meu currículo: “Tiago tem experiência com uma rádio comunitária”. Aí me chamaram pra esse projeto. “Ô, Tiago, a gente precisa formatar um curso para ensinar as pessoas a editarem vídeo, filmar, editar podcast...” e eu não sabia nada disso. Mas eu falei, “Ah, beleza, vamos lá aprender”. Aí eu fui aprender para ensinar. Trabalhando nesse projeto, de tanto eu incentivar as pessoas a fazerem,

eu falei, “Pô, eu vou fazer também”. Fiz um primeiro vídeo, que participou de um festival. Quando eu voltei pra Brasília, pra fazer o mestrado, eu falei, “Para eu aprender mesmo, eu tenho que fazer um curta metragem”. Fui tentar aprender como realmente fazia, porque antes eu estava fazendo um vídeo, uma comunicação popular, era um curtinha mas era uma coisa mais simplória. Falei, “Deixa eu tentar fazer um projeto aqui um pouco mais audacioso”. Nem era tão audacioso, mas, pra mim, na época, era. Comecei a correr atrás de fazer curta-metragem, foi quando o Audiovisual começou a entrar de maneira mais forte na minha vida. Depois, fui fazer o segundo curta com a parte de uma bolsa de pesquisa que eu ganhei para isso. Ali, eu comecei a vislumbrar a possibilidade de viver disso, né. Era uma bolsa para eu fazer um vídeo etnográfico, já estava essa perspectiva de união da Antropologia com o cinema. Nesse momento, eu fiz esse filme dentro de um universo de pesquisas que unia Nutrição e Antropologia (Curió, 2014), lá na Fiocruz, com a Professora Denise Oliveira Silva - ela era a coordenadora. Fiz a captação de um curta-metragem e foi a primeira vez que eu consegui obter recurso de um edital público. Eu fiz o *Entre Parentes* e depois abri uma produtora. Eu acho que a Antropologia tem uma influência na forma como eu faço cinema. Eu comecei também a trabalhar no filme dos outros. No *A Câmara* (De Aragão, Bernardes, 2022), que você viu, eu tenho uma presença nesses dois mundos: da Antropologia e do cinema. Eu conseguia ter uma conexão com o grupo de pesquisa porque eu entendia as questões e sabia o que era esse universo da Antropologia, mas eu também tinha as condições, junto com a minha produtora, de executar a obra audiovisual. Quer dizer, eu sabia quanto custava, como é que fazia, os profissionais envolvidos. Todo esse universo que os meus colegas de pesquisa desconheciam a gente deu uma resposta pra eles. Além disso, a gente foi construir esse caminho com o grupo de pesquisa lá da Universidade de Londres (SOAS).

Ludmila: Muito massa! Eu tenho uma última pergunta sobre a sua formação: o que você achava que você ia fazer, de trabalho, quando você estava na graduação? Qual era sua ideia de emprego como antropólogo?

Tiago: Quando eu estava na graduação, eu tive muita experiência com pesquisas. Eu fui bolsista PIBIC. Também fiz parte da empresa júnior, que estava em um época áurea, que a gente conseguiu fazer muito trabalho, desde trabalho de observação participante a trabalhos mais quantitativos, entrevistas. Eu tive uma passagem por várias técnicas de pesquisa. Então, eu achava que, no final das contas, eu ia trabalhar com pesquisa fora da academia. Eu não

sabia se ia ser por meio de consultoria ou se eu ia ocupar um cargo no governo para fazer trabalho de pesquisa, mas eu me via como pesquisador no mundo, sabe? Por mais que fossem pesquisas aplicadas. Só que eu ainda não tinha clareza de onde eu poderia estar. Eu sabia que, de alguma maneira, por mais que meu trabalho de campo na monografia tivesse sido um trabalho etnográfico, um trabalho de observação participante, eu me sentia muito seguro de trabalhar com grupo focal, com entrevista em profundidade, na elaboração de questionários, na análise de dados quantitativos. Eu percebia que eu tinha um conjunto de ferramentas de pesquisa que poderiam ser utilizadas para consultoria ou para o governo. Eu me via assim, me via trabalhando com pesquisa.

Ludmila: Legal. Tem uma pergunta que não está aqui no roteiro, mas ouvindo você falar eu pensei. Você acha que há espaço para pesquisa dentro do Audiovisual? Como que encaixa uma coisa com a outra?

Tiago: Tem. Para a realização de alguns produtos audiovisuais, às vezes, tem a função de pesquisador. Às vezes, é só uma pessoa que já é da área do projeto audiovisual. Por exemplo, uma amiga minha é especialista em evangélicos e ela foi contratada para fazer consultoria para uma pesquisa para uma série do GNT. Ela foi contratada tanto para subsidiar, em termos de argumento, quanto olhar a obra e mostrar onde estavam errando. Quer dizer, ela fez tudo. E, às vezes, é fazer as pesquisas encomendadas pelos projetos. Por exemplo, podem te falar, “Eu preciso entender como é que está a situação das mulheres pajés e, além disso, eu preciso do contato de mulheres que são pajés”. Pode ser uma pessoa da Comunicação ou do Cinema, mas pode ser um antropólogo também. Eu vejo que tem essa entrada do pesquisador nos projetos audiovisuais. Eu já fiz pesquisa para alguns filmes. Tem algumas pesquisas para a construção de contexto e dados e outras que você vai achar personagens e orientar sobre como é que esse mundo funciona. Em alguns casos, os cineastas, os produtores, eles querem que a pessoa só entenda do assunto, só que eu acho que esse pesquisador se torna mais útil se ele entende também da linguagem audiovisual. Se ele entende quem é um bom personagem, que coisa que pode virar ou não filme. Se ele consegue entender que esse documentário é mais de entrevista, enquanto aquele documentário trabalha com situações da vida cotidiana. Então, a pesquisa, nesse sentido, é muito diferente. Se é uma pesquisa sobre entrevista, você tem que entender mais do tema, da trajetória da pessoa. Se a pesquisa é para um filme mais observacional, a pessoa tem que entender quais são os espaços que a personagem frequenta,

porque a gente, talvez, filme esses espaços. O que dá caldo aqui? Tem um universo de possibilidades. Esse tipo de coisa você fica sabendo quando você está dentro das redes - mas eu acho que é uma possibilidade.

Ludmila: Quais foram os tipos de relações e vínculos que você teve tanto com a universidade quanto com o mercado de trabalho, até você conseguir chegar nesse ponto? Quais foram os tipos de emprego, os tipos de pesquisa que você conseguiu fazer até agora?

Tiago: Meus primeiros trabalhos que tive após a graduação tiveram relação com as redes que eu tinha feito trabalhando durante a graduação. Por exemplo, a ONG que eu trabalhei no Rio de Janeiro, eu tinha sido estagiário dela em Brasília. Os trabalhos também dos quais eu participei na empresa júnior, acabava que depois, quando a gente precisava de trabalho, essas pessoas estavam no governo, em institutos de pesquisa, então alguns trabalhos as pessoas falaram: “Tiago (e outras pessoas que estavam relacionadas comigo), a gente contratou vocês quando eram aprendizes, agora que estão formados vocês continuam trabalhando com isso?”. Então, de certa maneira, os primeiros trabalhos que eu tive estavam vinculados à experiência de trabalho que eu tive na graduação. Um dos trabalhos que eu peguei foi simplesmente porque a pessoa me conhecia da graduação, então foi, assim, rede de contatos. Depois, outra pessoa, também da universidade, precisava de alguém que fosse antropólogo e que entendesse de Audiovisual, e eu fui recomendado porque já tinha feito um filme. Assim, eu fui para a Fiocruz. Então, as experiências que eu tive não relacionadas ao cinema vieram, majoritariamente, desses contatos que eu tive na graduação. Eu tive colegas que não trabalhavam na graduação, ou que pegaram apenas um PIBIC, e esses eu vejo que tiveram mais dificuldade no mercado de trabalho. O primeiro trabalho que eu fiz como graduando foi transcrever fita. Uma hora você está transcrevendo fita, aí outra hora alguém fala assim: “A gente queria que você analisasse, colocasse as principais questões da transcrição num bloco analítico”. Aí você já fazia uma coisinha um pouco melhor. Daqui a pouco, “A gente quer que você faça uma entrevista”, “A gente quer que você aplique um questionário”, entendeu? E eu sentia que os colegas que não trabalhavam na graduação não tinham essas oportunidades ou, se aparecesse, eles não se garantiam. Nem sabiam do que se tratava um grupo focal, por exemplo. Então, eu acho que essa inserção que eu tive, essas oportunidades de trabalho que

não envolveram cinema, ela teve muita relação com a graduação. Já o Cinema, eu acho que ele já foi uma rede criada após a graduação.

Ludmila: Nas visitas que fizemos ao longo do semestre na disciplina, todo mundo falou muito sobre rede de contato tanto em grupos de pesquisa, quanto coisas que fizeram na graduação mesmo.

Tiago: Tem muita oportunidade de trabalho pro governo, e, às vezes, muita coisa não fica amplamente divulgada. Quando eu fui trabalhar no Ministério da Saúde, por exemplo, a pessoa falou assim: “Nossa, eu não conheço nenhum antropólogo. A gente já rodou, a gente já publicou chamada”. Só que não chega pros antropólogos. Parece que não existe antropólogo, sabe? Aí eu falava, “Me passa esse contato e eu te indico pessoas ou eu vou jogar nos grupos aqui de WhatsApp e vai aparecer gente”. Parece que um local tem demanda por profissionais e no outro local tem até profissionais precisando trabalhar, e não conversam. No cinema, tem gente que fala assim: “Como é que eu começo?”. E eu falo, “Cara, é difícil começar porque quem vai te contratar se você não tem experiência? Às vezes, você vai ter que fazer o seu primeiro de graça”. Então, uma hora, a pessoa fala: “Você foi ponta firme da outra vez, agora eu tenho como te pagar uma graninha”. Aí você entra, é desse jeito que a gente faz as redes sociais.

Ludmila: Como que essas experiências profissionais e acadêmicas possibilitaram e te capacitaram para a carreira de diretor e roteirista de cinema? Você acha que elas ajudaram a formar você como diretor?

Tiago: Acredito que sim. Como no cinema, eu acho que na Antropologia, nas pesquisas, também dá pra gente dizer que tem estilo, tem abordagens pelas quais você se interessa mais e, querendo ou não, vai te ajudando a formar o seu olhar pro mundo. O fato de você gostar mais de Marcel Mauss do que Pierre Bourdieu, às vezes, diz muito também sobre como você vê a forma de pensar a pesquisa, de pensar a teoria, as linhas que você investiga. E te ajudam também a ter esse olhar pro mundo como fenômeno. E eu acho que essa perspectiva de ter um olhar, de ter uma visão, é uma coisa que é muito forte na Antropologia, que é pensar o outro, pensar a alteridade. Isso eu vejo que é uma ferramenta que está incorporada em mim. A forma como eu vejo o mundo, de certa maneira, tá muito marcada. A formação em Antropologia, se

você olhar diretamente, ela não te capacita para você trabalhar com Audiovisual. Mas eu acho que ela te dá alguma sensibilidade para várias coisas. E eu acho que o universo do documentário e da Antropologia têm algumas sobreposições de interesse em relação ao outro, da ética com o outro. Eu acho que vai ter antropólogos e documentaristas que vão ter essas éticas diferentes, né. Mas eu acho que tem coisas em comum. A Antropologia visual tem vários desafios e várias questões muito relacionadas ao universo do outro. Dizem que o engenheiro, no final das contas, é formado para resolver problemas. Você pode botar ele numa empresa ou em frente a um carro e ele talvez seja capacitado ali pra investir naquilo porque ele entende desses processos. As Ciências Sociais, talvez, te deem ferramentas para entender o ser humano, para entender as relações sociais. E a partir do momento em que você tem um olhar interessante e sofisticado perante os fenômenos, você pode ter um olhar perante a realização de um filme. Lógico que são coisas muito distintas, fazer pesquisa e fazer cinema. Mas se você consegue entender qual é qual, acho que pode ajudar.

Ludmila: Isso já linkou muito com a próxima pergunta que eu queria fazer, na verdade: como você consegue relacionar a carreira de diretor e roteirista com a carreira de pesquisador? Eu queria saber se elas conversam, se teve pausa em uma e na outra, para fazer mais uma e menos a outra em alguns momentos. Como que dá tempo de fazer essas duas coisas ao mesmo tempo?

Tiago: É, assim, pra mim não tem dado. Acabou que sempre foi assim, eu fiz um e depois fiz o outro. A não ser quando eu estava na Fiocruz, ao mesmo tempo eu era pesquisador e realizador porque ali foi uma oportunidade única. Então, tinha uma bolsa, uma boa bolsa. E precisava de uma pessoa que tivesse o equipamento, porque eles não tinham condições, o dinheiro para câmera, para o som, para edição. Falaram assim: “A gente tem essa bolsa aqui pra contratar uma pessoa que possa fazer, que possa pesquisar com a gente e fazer a entrega de um curta-metragem”.

Ludmila: É um trabalho muito específico, né?

Tiago: Foi, foi muito específico. Já nos outros momentos, claramente eu tava fazendo um ou tava fazendo outro. De certa maneira, eu era uma espécie de pesquisador. Trabalhava com dados na Secretaria de Direitos Humanos, que é o atual Ministério de Direitos Humanos. Aí,

depois eu fui pra Fiocruz e fiquei nessas duas funções. Depois, eu trabalhei como pesquisador em um instituto de pesquisa e fiz uma pesquisa sobre microcrédito basicamente com entrevistas em profundidade em várias partes do país. Então eu me dediquei a um filme e, em seguida, fui chamado pra fazer uma consultoria, um estudo de impacto ambiental, onde eu era só pesquisador. Aí, eu entrei no doutorado e voltei a ter trabalhos relacionados a cinema. Eu, pessoalmente, vislumbro que eu possa juntar essas duas atividades me tornando docente, né? Mas, pelo menos na minha trajetória, quase sempre se separou. Quando eu trabalhei no filme relacionado à Universidade de Londres, embora eles estivessem interessados na minha sensibilidade como antropólogo, eu era cineasta, né? Eu estava fazendo um filme para eles. A pesquisa que eu fiz foi pro filme não foi para subsidiá-los de informações para uma pesquisa maior. Então, acaba que eu sempre tenho alternado. E eu vejo como, talvez, a academia seja um espaço que eu consiga convergir os dois. Eu acho que, no médio prazo, essa seria a minha estratégia⁵.

Ludmila: Que legal. Na terceira parte da entrevista, eu queria falar mais especificamente sobre a sua carreira dentro do cinema. Com o que você está trabalhando atualmente?

Tiago: Eu estou fazendo um filme. Eu estou tocando esse documentário já faz mais de um ano e meio, cerca de dois anos. A gente já fez a pesquisa, as etapas de filmagem e agora, especificamente, eu estou fazendo a montagem, a edição. Então, a gente está nessa etapa de pós-produção. Como eu sou o diretor do filme, acaba que eu acompanho todas as etapas, né? Eu, junto com a outra diretora, Camilla Shinoda, somos responsáveis pelo projeto. Junto com a produtora Ana Rabêlo Rodrigues, também. Agora, eu estou montando e finalizando esse longa-metragem, que deve ficar pronto no começo do ano que vem. E a gente também tá trabalhando na distribuição do filme que você viu, *A Câmara*. A gente está trabalhando para ele ir ao cinema. Então é nessas coisas que eu estou me dedicando no momento, e defendo a tese na semana que vem.

Ludmila: Bastante coisa, né? Você disse que montou a produtora. Como que foi isso?

⁵ Entre a entrevista e a edição, Tiago de Aragão se tornou professor do curso de Audiovisual no Instituto Federal de Brasília (IFB), no campus Recanto das Emas.

Tiago: Tem duas formas de você estar no universo profissional do cinema. Pode ser desempenhando um papel, uma função como montador, roteirista, assistente de maquiagem, fotógrafo, etc.. E aí você trabalha no filme dos outros, pulando de projeto em projeto, seguindo um projeto do outro. E a outra forma é captar os seus projetos e você desempenha mais funções. Então, você consegue trabalhar em menos projetos, mas por mais tempo. E para fazer isso, você não pode fazer como pessoa física, precisa abrir uma produtora. Seja a Universidade de Londres, seja uma entidade privada, seja um edital público, o dinheiro estará sob a responsabilidade de uma pessoa jurídica, não de uma pessoa física. Por isso, ali em 2018, eu vi que não tinha como fugir, principalmente porque eu queria desenvolver os meus projetos autorais. Eu abri a produtora junto com as duas sócias, uma delas também é antropóloga, e a gente já prestou serviço, já captou recurso em edital, já com essa trajetória.

Ludmila: Para ter mais autonomia, né?

Tiago: Autonomia e viabilidade também. Tem filme de um milhão de reais, de cinco milhões de reais e não se opera esse dinheiro com a pessoa física, você precisa abrir uma empresa. Como se abrir a empresa fosse profissionalizar, porque tem hora que contrata gente. Aí eu preciso de um CNPJ pra fazer uma contratação do serviço.

Ludmila: Entendi. Inspirada pelo olhar do filme *A Câmara*, pensando nesse enfoque no cotidiano, eu queria que você descrevesse o que é um dia comum de trabalho para um cineasta. Se é que isso existe, claro.

Tiago: É, é difícil. Eu diria que existem temporadas. Se eu fosse do tipo de cineasta que tivesse uma função só, que não a de diretor, teria mais esse cotidiano fixo. Por exemplo, um assistente de fotografia, a maior parte das semanas, estará em *set* de filmagem. Seja um documentário, seja uma ficção, ele é o responsável por todo o equipamento de filmagem e pelo foco da câmera. Um dia, ele está fazendo o foco de um documentário, um dia, o foco de uma ficção, um dia a equipe é maior, um dia uma equipe é menor, mas ele sempre está em *set* de cinema. Já no meu caso, a gente filmou, ano passado, oito semanas no interior de Pernambuco. E depois a gente fez outro período de três semanas. Eu chegava duas semanas antes pra preparar as coisas, sabe? E teve um período de quatro semanas filmando em Brasília. Então, você bota aí que, no período de três a quatro meses do ano, a minha rotina era

acordar, encontrar a equipe de filmagem e filmar. No final do ano passado, já com tudo filmado, a minha rotina e a rotina da outra diretora era pegar e passar todos os dias vendo material. Entre novembro, dezembro e janeiro, o meu cotidiano foi ver as imagens para pensar o filme. Agora, o meu cotidiano tem sido fazer a montagem, a edição do filme, construir a narrativa do filme e isso às vezes leva um tempo. Vou trabalhar nessa montagem talvez até agosto. Acaba que o meu cotidiano profissional tem essa variação. Quando a gente finalizar o filme, se tudo der certo, a gente começa o trabalho de mandar para festivais. Se o filme entrar em festival, nos coloca na missão de ir acompanhar o filme nas exhibições. E, ao mesmo tempo, a gente também já está participando de outros editais para viabilizar os próximos filmes. Então, de certa maneira, enquanto eu estou fazendo esse filme, eu escrevi outro projeto, outro roteiro e estamos submetendo em editais. Quando terminar esse filme, se tudo der certo, a gente já terá o próximo. Agora, a gente está numa situação assim, não sabemos o próximo, a gente precisa lutar por ele.

Ludmila: Entendi. Estou chegando ao final, mas eu queria saber qual foi o trabalho ou pesquisa que você mais gostou de fazer?

Tiago: Não sei, viu? Assim, todos os filmes que eu fiz eu gostei bastante. Até um filme que eu fiz no meio da pandemia, que poderia ter sido mais limitado, foi muito bom. É quase um clichê, “Não tem filho favorito”. As experiências de ter trabalhado nos filmes, eu gostei bastante de todas, principalmente os nossos filmes, da nossa produtora, onde a gente consegue, de certa maneira, estabelecer o funcionamento, a partir das diretrizes que a gente acredita, sabe? Então, eles costumam ser locais, com ambientes profissionais minimamente saudáveis.

Ludmila: Para fechar, você acha que existe espaço para novos antropólogos nessa área de trabalho, no cinema? E, se sim, você teria alguma dica para estudantes de Ciências Sociais ou Antropologia que gostariam de trabalhar com Audiovisual?

Tiago: Olha, eu acho que o cinema é aberto para profissionais de outras áreas. Eu vou dizer que o antropólogo, o cientista social, é específico. Mas, normalmente a gente estuda e acaba tendo uma ferramenta de analisar o mundo, uma sensibilidade de analisar o mundo de uma maneira mais profunda, e eu acredito que isso pode ser uma ferramenta muito útil pro mundo

do cinema. Então, nessa perspectiva, eu acho que o cientista social que quer se envolver com o cinema, principalmente se for na parte criativa (roteiro, pesquisa, direção, desenvolvimento de projeto), ele pode ter uma visão de mundo que facilite pra ele, para pensar essas narrativas cinematográficas. É uma ferramenta boa que, por si só, não é suficiente. Não é porque você é um bom cientista social, que vai fazer cinema. Não, você tem que aprender a linguagem audiovisual. E aí, eu acho que o conselho para os antropólogos e os estudantes de Antropologia que querem trabalhar com cinema, é aprender a linguagem audiovisual. Mesmo se você se situa como pesquisador da Antropologia visual, é importante você entender a linguagem audiovisual de maneira mais ampla, como ela é pensada pelos cineastas, pelos produtores, pelos documentaristas. É a partir dessa interface que a gente começa a entender e a dominar o mundo do cinema, que a gente pode explorar melhor a nossa formação como cientista social. Esse nosso olhar para o mundo, a partir do momento que a gente entende a linguagem audiovisual, eu acho que a gente consegue fazer essa ponte. Então, o meu conselho é, você, cientista social, que quer se aventurar no mundo do audiovisual, se dedique a aprender a linguagem audiovisual.

Ludmila: Que bom que você aceitou meu convite! Acho que ficou muito legal a entrevista, eu gostei muito. Obrigada, de verdade, por disponibilizar o seu tempo.

Tiago: Ah, que bom Ludmila.

REFERÊNCIAS

A CÂMARA. Tiago de Aragão Silva, Cristiane Bernardes. Brasília, Sal Audiovisual, 2023. Filme longa-metragem, 89 minutos.

CHAVES, Christine de Alencar. **Eleições em Buritis**: a pessoa política. Brasília: UnB, 1996. 27 p. (Série Antropologia, n.206).

CURIÓ. Tiago de Aragão Silva. Brasília, Transformando o Tédio em Melodia, 2014. Filme curta-metragem, 19 minutos.

DA MAIOR IMPORTÂNCIA. Tiago de Aragão Silva. Brasília, Transformando o Tédio em Melodia, 2011. Filme curta-metragem.

ENTRE PARENTES. Tiago de Aragão Silva. Brasília, Sal Filmes e Produções, 2018. Filme curta-metragem, 27 minutos.

LUTA PELA TERRA. Tiago de Aragão Silva, Camilla Shinoda. Brasil, Sal Filmes e Produções, 2022. Filme curta-metragem, 29 minutos.

SILVA, Tiago de Aragão. **Deputados Bolsonaristas: Bolsonarismo no cotidiano da 56.^a legislatura do Congresso Nacional**. 2025. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

SILVA, Tiago de Aragão. **Na luta pela cidade. Notas sobre o processo de consolidação do espaço urbano e político da cidade da estrutural**. 2008. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, Tiago de Aragão. **Nas profundezas da superfície do mate com angu: projeções antropológicas sobre um cinema da baixada fluminense**. 2011. 119 f.

Artigo recebido em 15/11/2025.

Aprovado em 09/12/2025.